

Breve análise de fenômenos linguísticos presentes no manuscrito eclesiástico setecentista: *De Genere, Vitae Et Moribus*

A brief analysis of linguistic phenomena in the 18th-century manuscript: De Genere, Vitae Et Moribus

Recebido em 05 de agosto de 2016. | Aprovado em 06 de janeiro de 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v2i2.10007>

Christiane Benones de Oliveira¹
Soélis Teixeira do Prado Mendes²

Resumo: Conforme se sabe, documentos manuscritos no passado recuperados pelo trabalho filológico são indispensáveis à análise de ocorrências (ou não ocorrências) de mudanças linguísticas de longa duração. Neste artigo, pretende-se fazer algumas descrições paleográficas de parte de um testemunho eclesiástico, *De Genere, Vitae Et Moribus*, localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (MG). Também se pretende apresentar e discutir, mesmo que de forma parcial, a ocorrência de alguns fenômenos linguísticos que podem indicar (i) uma mudança sintática no âmbito de regência verbal e (iii) uso categórico de pronomes em posição proclítica.

Palavras-chave: fontes manuscritas; paleografia; transcrição; fenômenos linguísticos.

Abstract: It is well-known that documents handwritten in the past – which are retrieved by philology work – are essential to the analysis of the presence (or the absence) of occurrences of long-term language change. In this paper, we aim to palaeographically describe part of an ecclesiastic testimony, *De Genere, Vitae Et Moribus*, located within the Ecclesiastical Archive of the Archdiocese of Mariana (Minas Gerais, Brazil). Furthermore, the intention with this study is also to present and to discuss, at least partially, occurrences of some linguistic phenomena. Such phenomena indicate (i) syntactic change with respect to the relation between verbs and their arguments, and (ii) the categorical usage of proclitic pronouns.

Keywords: manuscript sources; palaeography; transcription; linguistic phenomena.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto. christianebenonesoliveira@gmail.com.

² Professora Adjunta do Departamento de Letras, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto. soelisufop@gmail.com.

Considerações Iniciais

As discussões aqui apresentadas fazem parte do projeto de pesquisa “O estudo da concordância variável (nominal e verbal) em manuscritos setecentistas de Minas Colonial”, edital 04/2015 PIBIC/CNPq/UFOP, desenvolvido no Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, sob coordenação e execução da Professora coautora deste texto, juntamente com a bolsista também coautora. Embora esse Projeto tenha o objetivo de analisar a ocorrência de concordância variável no manuscrito que é objeto de análise deste artigo, aqui pretendemos discorrer sobre alguns aspectos codicológicos e paleográficos desse documento e sobre alguns fenômenos que nele se manifestam, os quais nos servem como testemunho de um uso linguístico pretérito.

As línguas mudam e, por meio de fontes manuscritas, é possível acompanhar sua evolução. Diferentemente do que acredita o falante comum, “As línguas humanas não constituem realidades estáticas, ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. É essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da Linguística Histórica.” (FARACO, 1998, p. 10). Esse ramo dos estudos da linguagem, conforme Bynon (1983), procura “investigar e descrever” como as mudanças ocorrem ou como o sistema linguístico preserva uma estrutura. A partir dos documentos, prossegue a autora, é possível extrair a estrutura gramatical de cada período e, com isso, gramáticas sincrônicas podem ser postuladas e comparadas. Para tanto, áreas como a paleografia e filologia são imprescindíveis ao trabalho do linguista.

Sobre a filologia, nos ensina Spina (1977), “[...] do amor à palavra nasceu a ciência filológica, uma ciência da área da linguística que tem por objetivo principal [...] concentrar-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado.” (p. 61). Cambraia (2005, p. 18) vai mais além e defende que a filologia é um instrumento de “estudo global de um texto” (p. 18); ou seja, por meio dela todos os aspectos linguísticos, literários, históricos, culturais de um testemunho podem ser exaustivamente estudados.

A filologia trata da língua e da cultura de um povo por meio dos textos que, estudados e editados, podem se tornar um material seguro e fidedigno para realização de posteriores consultas e pesquisas. Possibilita, também, a disponibilização e a facilitação à leitura de documentos antigos a pessoas sem o conhecimento necessário para manusear, ler e compreender os originais, propiciando estudos em outras áreas de conhecimento. Além de fornecer informações importantes sobre a origem de um texto, a análise filológica permite que se estudem particularidades da escrita e da língua de uma dada época. Podemos identificar, também, se há participação de terceiros na redação de um documento, o estado de língua da época e aspectos de oralidade na escrita, entre outras particularidades de cada manuscrito.

No que diz respeito à paleografia, Acioli (2003) a define como:

[...] a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e o lugar em que foi escrito o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento. (ACIOLI, 2003, p. 5)

Cambraia (2005, p. 23), por sua vez, define essa ciência de forma bem ampla: “estudo das escritas antigas”, mas acrescenta que essa modalidade se preocupa em entender os aspectos sociohistóricos que constituíram o sistema de escrita e disponibiliza meios para avaliar a autenticidade dos documentos, avaliando as características da sua escrita.

A edição de textos manuscritos de épocas pretéritas é um processo lento e criterioso, pois além do estado de conservação do documento, que, na maioria das vezes prejudica a leitura, é preciso se habituar ao tipo de escrita. Dessa forma, o trabalho de edição e preparação de textos deve ser realizado com responsabilidade e cientificismo visando à fidedignidade máxima ao documento original. Por isso, toda a metodologia empregada deve ser divulgada de modo que outros pesquisadores possam conhecer quais procedimentos levaram aos resultados.

Existem, conforme Spina (1977), diversas maneiras de se editar um texto: a edição *fac-similar* ou mecânica, a diplomática, a semidiplomática ou paleográfica e a edição crítica. A opção por uma ou mais de uma dessas recairá sobre qual o público almejado, pois dificilmente uma mesma edição pode ser adequada a um público indistintamente (CAMBRAIA, 2005).

Como nosso interesse é fazer uma edição que tenha como público o pesquisador da área da Linguística Histórica, que pretende fazer uso de *corpora* nas análises das mudanças linguísticas de longa duração, a opção recai sobre a diplomática em que há uma “transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc.” (CAMBRAIA, 2005, p. 93). Segundo Picchio (1979), os pesquisadores que usam a edição conservadora fazem-no por acreditar que um texto vale como realidade histórica, simultaneamente fonética e gráfica; de modo que modificações no texto é um ato injustificável. Entretanto, é preciso considerar que apesar de todo o cuidado rigoroso do editor, “uma edição diplomática já constitui uma interpretação subjetiva, pois deriva da leitura que um especialista faz do modelo” (CAMBRAIA, 2005, p. 94).

Conforme mencionado anteriormente, é necessário que sejam adotados critérios bem elaborados para o reconhecimento e identificação de caracteres, de forma que o texto original seja respeitado, dentre outros aspectos filológicos de edição. Para tanto, normas devem ser propostas e seguidas à medida que o trabalho de transcrição é realizado. Mais adiante, apresentaremos as normas adotadas para a transcrição do manuscrito sob análise.

O presente artigo está assim organizado: primeiramente, faremos alguns apontamentos codicológicos e paleográficos sobre o manuscrito sob análise para, em seguida, fazermos uma discussão acerca de alguns dos fenômenos linguísticos que se manifestam nesse *corpus*.

1. O processo *De Genere Vitae et Moribus* e o tipo de edição adotado

O manuscrito, objeto de análise deste artigo, composto pelo *Trº de apresentação ejuram^{to}, assentadas e conclusão*, é parte constituinte do processo *De Genere Vita et Moribus*, produzido entre os anos de 1779 a 1794, nas cidades de Mariana e Arraial do Tejuco (atual Diamantina), em Minas Gerais, e se refere à candidatura de Francisco de Paula Meireles à vida sacerdotal. Tal processo foi escrito por 16 diferentes punhos, possui 195 fólios, entre *recto* e verso, distribuídos em 04 maços. Atualmente, esse processo pertence ao acervo do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM) – Cúria Metropolitana – Minas Gerais.

Para esta discussão, apresentaremos a edição facsmiliar dos fólios 25v a 30v, doravante Ms. 25v-30v, e a respectiva edição diplomática. Optou-se por apresentar a edição do referido testemunho com as respectivas discussões linguísticas, que serão feitas adiante, pelo seguinte motivo: quando da proposição deste artigo, a pesquisa ainda estava incipiente e este era um dos poucos manuscritos que já havia sido editado.

Conforme documenta a História, a *Inquisição* forçou judeus e mouros a professarem a fé no cristianismo e, ao mesmo tempo, criou-lhes uma barreira intransponível, pois os novos cristãos estavam marcados pelo pecado da sua origem. Em muitas ocasiões, era exigida a “limpeza de sangue”³, sobretudo para assumir encargos religiosos. Justamente para evitar a atribuição de cargos aos novos cristãos, todos os candidatos às ordens sacras eram submetidos à investigação genealógica.

A partir do século XVI, com a promulgação do *Breve De puritate sanguinis*, do papa Urbano VIII, qualquer um que pretendesse fazer parte dos quadros da Igreja era investigado de forma bastante minuciosa e complexa, a fim de serem levantados dados sobre a “limpeza de sangue” (*genere*), a vida e os costumes (*vitae et moribus*), exigidos por lei para o exercício da vida religiosa. (SAMARA; DIAS; BIVAR, 2005, p. 73). Além disso, segundo Villalta (2007), o candidato deveria comprovar a existência de uma renda mínima.

Os processos para ingresso à vida sacerdotal eram demorados, justamente porque exigiam testemunhos e comprovações de diversas pessoas. Os candidatos deveriam elaborar uma petição na qual apresentavam os nomes e sobrenomes de seus pais e o seu próprio, local de nascimento e residência, além de uma justificativa pelo interesse à vida eclesiástica. Essa petição era apresentada a um juiz das Justificações, que era o responsável pelo deferimento ou indeferimento do processo. Em seguida, esse documento era enviado ao pároco do local em que o candidato residisse. Caberia a esse pároco procurar por sete ou oito testemunhas, que fossem capazes de dar informações sobre a veracidade dos dados apresentados pelo ordenando.

³ A expressão “limpeza de sangue” pode ser entendida como uma prática utilizada no Antigo Regime português o qual atestava que um candidato a cargos e ofícios não possuía sangue judeu, mouro ou de gentio na ascendência familiar.

Com a comprovação dos dados, dava-se início ao processo de diligência de vida e costumes, “no qual um extenso rol de 29 questões deveria ser lido em voz alta durante a celebração da missa e respondido, da mesma forma, pelo candidato.” Questionava-se sobre a “origem racial, religiosa e filial; intimidade e conhecimento da doutrina cristã; defeitos físicos; hábitos cotidianos; integridade de caráter; estado conjugal; atos passados; relacionamentos com as pessoas e inclinação ao sacerdócio.” (SAMARA; DIAS; BIVAR, 2005, p. 73, grifos das autoras.)

Existem, conforme Spina (1977), diversas maneiras de se editar um texto: a edição *fac-similar* ou mecânica, a diplomática, a semidiplomática ou paleográfica e a edição crítica. A opção por uma ou mais de uma dessas recairá sobre qual o público almejado, pois dificilmente uma mesma edição pode ser adequada a um público indistintamente (CAMBRAIA, 2005).

Como nosso interesse é fazer uma edição que tenha como público o pesquisador da área da Linguística Histórica, que pretende fazer uso de *corpora* nas análises das mudanças linguísticas de longa duração, a opção recai sobre a diplomática, que visa à atualização tipográfica do texto, mas fazendo o mínimo de intervenção possível, ou seja, todos os aspectos do testemunho e do texto são mantidos bem próximos ao original. Para o presente artigo, apresentamos esse tipo de edição e a fac-similar, que é a reprodução digital do manuscrito. Antes disso, porém, apresentaremos alguns comentários codicológicos e paleográficos do Ms. 25v-30v.

1.1 - Ficha codicológica

1. Cota: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM) – Cúria Metropolitana; Armário 04; Pasta N°604, 3º maço, fl. 25v a 30v.
2. Data e local de escrita: 11/08/1779 – Arraial do Tejuco (atual Diamantina, MG)



Imagem 1. Data e local.

3. Suporte material: Cartáceo, sem pauta e sem marca d'água.
4. Composição: 11 fólios pertencentes ao 3º maço; dimensão aproximada do fólio: 350 mm x 230 mm. (Essa imprecisão se deve à deterioração das margens.)
5. Organização da página: mancha: 100 mm x 340 mm; o texto é escrito em coluna única com um número de, aproximadamente, 30 linhas; não possui pautação, e a numeração dos fólios foi feita pela edição proposta, conforme as *Normas* seguidas. Há 13 assinaturas, assim distribuídas: fl 25v = 1; fl 27r = 2; fl 27v = 2; fl 28v = 2; fl 29v = 2; fl. 30v = 4.
6. Estado do documento: O documento encontra-se, na maior parte, em bom estado de conservação. Mas há bordas parcialmente deterioradas pela ação de papirógrafos, além de estarem corroídas em função dos compostos químicos presentes na tinta utilizada para escrita, o que impossibilita, em partes do testemunho, a identificação de alguns grafemas.

(ii) *Punhos*

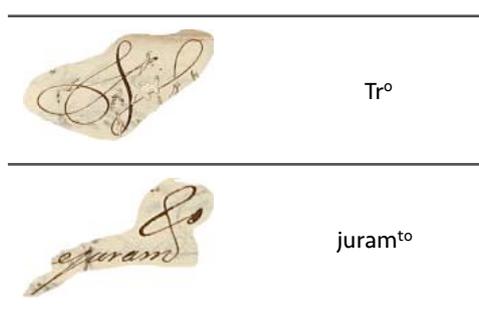
Majoritariamente, prevalece o punho do escrivão Mauricio Joze de Castro, e apenas no fl.30v há um curto registro feito pelo punho do Pe. Joze Guedes da Silva.

(iii) *Sistema de sinais abreviativos*

Embora a edição escolhida seja mais conservadora e, portanto, as abreviaturas não foram desfeitas, gostaríamos de apresentar os tipos que o Ms. possui. Segundo Flexor (2008), as abreviaturas são mecanismos utilizados com a finalidade de diminuir o tamanho de uma palavra poupando, assim, material (papel e tinta) e tempo de escrita. Entretanto, o fato de as abreviaturas demandarem maior ou menor tempo do escriba não é uma unanimidade. Isso porque, segundo Stiennon (1973 *apud* DUCHOWNY; COELHO; COELHO, 2014), tais recursos podem ocupar espaço, tempo e atenção de forma igual ou superior aquele que o escriba dedica à grafia completa da palavra.

Conforme Flexor (2008, p. 12), nos documentos luso-brasileiros “não existiam regras de abreviação”, mas há pesquisadores da área (SPINA, 1977; MEGALE; TOLEDO NETO, 2005; CHAVES, 2006) propõem algumas classificações para as abreviaturas: por sigla, por letra sobrescrita, por síncope, por suspensão, por sinal especial e por nota tironiana. Duchowny, Coelho e Coelho (2014) e Duchowny, Ramos e Coelho (2015), por sua vez, propõem, além dessas classificações, outras como: por sinal geral, abreviatura mista, numéricas e contração.

As poucas abreviaturas encontradas no texto⁴ Ms. 25v-30v se enquadram nos tipos síncope supressão de elementos gráficos no meio da palavra com letra(s) sobrescrita(s):



Quadro 1. Abreviaturas.

Como se optou pela edição diplomática, não foram desdobradas as abreviaturas, pois isso acarreta interferências, por meio do editor, no texto original, já que uma mesma abreviatura pode ter diversos significados. Por isso, a melhor escolha é mantê-las na forma original, o que evita interpretações errôneas do manuscrito. A edição conservadora de documentos permite que os estudos linguísticos conheçam as características vigentes em cada época e a compreensão dos seus usos. As diferentes formas de abreviar uma mesma palavra ou expressão podem espelhar processos de mudança, tais como o de gramaticalização, conforme Chaves (2006) e Cohen (2008).

(iv) *Descrição de pontos de dificuldade na leitura e as soluções encontradas*

Mesmo que se tenha estabelecido o alfabeto do Ms. 25v-30v, exatamente por se tratar de uma escrita cursiva, houve dúvidas quanto ao traçado de alguns grafemas. As letras maiúsculas, em geral, são de fácil identificação, mesmo apresentando certa variação. Em alguns contextos, os grafemas <s>, <i> e <c> podem se confundidos, além do pingno no <i>, o que contribuiu para diferenciá-los foi o contexto:

⁴ Não foram consideradas as abreviaturas que ocorrem nas assinaturas.



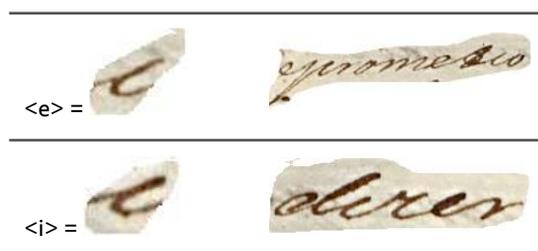
Quadro 2. Grafemas com traçados semelhantes: <s>, <i>, <c>.

O mesmo ocorreu com os grafemas <c> e <e>, e o contexto contribuiu para diferenciá-los:



Quadro 3. Grafemas com traçados semelhantes: <c>, <e>.

Já entre os grafemas <e> e <i>, o pingo no <i> foi o critério utilizado para diferenciá-los; quando esse não ocorria, o grafema foi transcrito como <e>:



Quadro 4. Grafemas com traçados semelhantes: <e>, <i>.

(v) Presença de letras ramistas

Não foi localizado esse tipo de letra, assim nomeado, conforme se sabe, pelo humanista francês do século XVI, chamado Petrus Ramus (ou Pierre de La Ramée, 1515-1572), que assim o fez em função de os "escribas da Idade Média, tanto quanto os latinos, não distinguem I e J e U e V" (HIGOUNET, 2003, p. 105).

1.2.2 – O alfabeto parcial do punho do escrivão Maurício Joze de Castro

Conforme Fachin (2009), a edição de textos manuscritos antigos é um processo lento e criterioso, pois além do estado de conservação do documento, que, na maioria das vezes, prejudica a leitura, é preciso habituar-se com o tipo de escrita. Um recurso que auxilia muito nesse processo de edição é a composição de um alfabeto do punho que grafou o texto, mesmo que o manuscrito tenha sido produzido pelas hábeis mãos de clérigos, que eram

peças com alto grau de letramento (Cf. MENDES, 2008) e, por isso, possuíam escrita regular, traçado constante, sem borrões ou rasuras. Vale lembrar que, como bem pontua Spina (1977, p. 35), a escrita cursiva é corrida e sem descanso de punho, o que pode dificultar a leitura em certos trechos.

A opção pela apresentação do alfabeto do punho de *Mauricio Joze de Castro* se prende ao fato de ser ele o escrivão ajudante da câmara eclesiástica do Arraial do Tejuco, atual Dimantina, MG, e o responsável pela maior parte da escrita do Ms.25v-30v. Gostaríamos de esclarecer que, até o momento, não conseguimos obter informações acerca da nacionalidade do referido escrivão, o que poderá, no futuro, jogar luz à análise que se propuser sobre fenômenos linguísticos encontrados nesse material.

Como se trata de um recorte, apenas apresentaremos as 05 primeiras letras do alfabeto.

Grafemas: maiúsculo / minúsculo	Início de sílaba / palavra	Meio de sílabas	Fim de sílabas
A / a			
B / b			
C / c			
D / d			
E / e			

Quadro 5. Parte do alfabeto do punho do escrivão *Mauricio Joze de Castro*.

1.3 - Normas de edição

O estabelecimento de normas garante a conservação dos aspectos formais originais dos documentos, ou seja, a ortografia, a sintaxe, as idiosincrasias, etc. Conforme Fachin (2008, p. 19), deve-se fazer uso de "normas de transcrição e critérios de leitura elaborados, com o intuito de editar os documentos de forma fidedigna, ou seja, sem oscilações". Para além dessas questões, prossegue o autor, "para que o resultado de sua edição possa ser examinado por outros pesquisadores, todos os critérios utilizados devem ser divulgados." (p. 19). Essas normas devem ser elencadas e destacadas na edição para nortear leituras posteriores.

Para a edição desse manuscrito, foram adotadas as normas propostas por Mendes (2008), que, por sua vez, propôs adaptações às normas estabelecidas por *Cambraia et al.* (2001):

1. A transcrição procurará ser fiel ao texto original;
2. As abreviaturas não serão desdobradas;
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “adondeeu”; “enoveannos”;
4. A pontuação e acentuação originais serão mantidas;
5. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução;
6. Quando a leitura paleográfica de uma palavra for duvidosa, a sua transcrição será feita entre parênteses redondos simples: ();
7. Os numerais, tanto indo-arábicos como romanos, serão transcritos na sua forma original;
8. As intervenções de terceiros no documento original e seu estado de conservação serão apontadas antes da transcrição;
9. As anotações de outro punho, as alterações e borrões de tinta serão informados em nota;
10. Os caracteres cuja leitura for impossível serão transcritos *como pontos dentro de colchetes precedidos pela cruz †* (o número de pontos é o de caracteres não legíveis) (cf. CAMBRAIA, 2005, p. 128). Entretanto, quando não for possível identificar esse número, apenas será registrada a cruz;
11. Palavra(s) danificada(s) por corrosão de tinta, umidade, rasgaduras ou corroídas por insetos ou outros será(ão) indicada(s) entre colchetes, assim: [corroída] ou [corroídas]. Em se tratando de um trecho de maior extensão danificado pelo mesmo motivo será indicada entre colchetes a expressão [corroída + de 1 linha];
12. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: | entre as linhas. A mudança de fôlio será indicada com duas barras verticais: || 3 ;
13. As páginas serão numeradas de acordo com o documento original, indicadas, nesse caso, entre duas barras verticais, além de apresentar o estado do fôlio. Exemplos: ||fl.76r. ||; || fl.76v. ||;
14. Se o original não for numerado ou estiver ilegível sua numeração, os números acrescentados serão impressos entre colchetes, indicando-lhes o estado do fôlio. Exemplos: [fl.18r.] / [fl.18v.];
15. As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina serão sublinhadas, já as assinaturas que contêm sinais públicos serão indicadas entre colchetes [sinal público];
16. Os espaços em branco deixados pelo escrivão serão assim identificados: [espaço];
17. Os fragmentos de frases ou palavras que foram suprimidos pelo escrivão serão indicados em nota.

1.4 - Edição fac-similar do fólio 25v - Trº de apresentaSao'e juramº

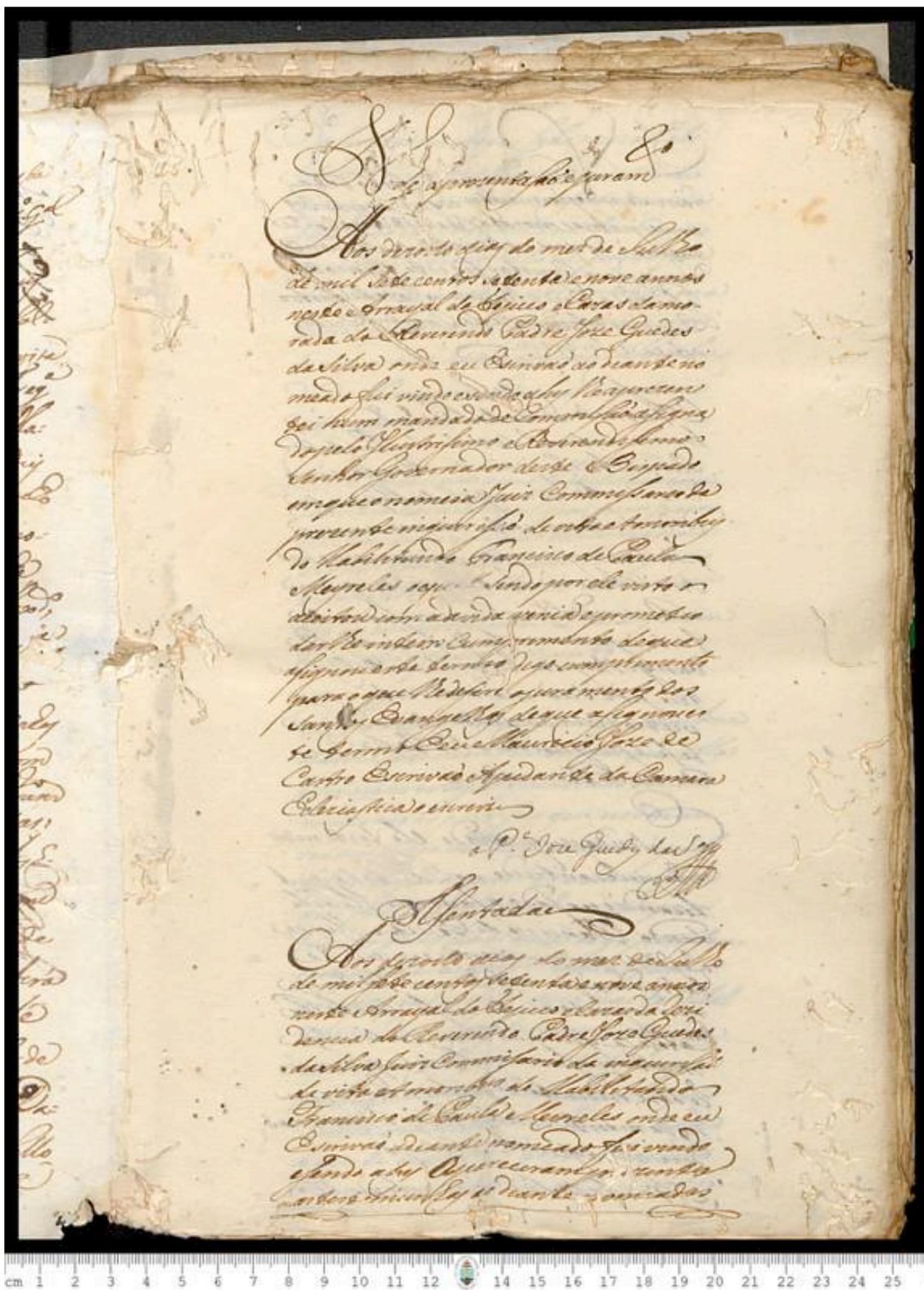


Imagem 1. Edição fac-similar do fl. 25v, 3º maço. Fonte: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

1.5 – Edição diplomática do Ms.25v-30v

[fl 25v]

Trº de apresentaSao'e juram^{to}|

Aos dezoito dias do mez de Julho | de mil Setecentos Setenta e nove annos | neste Arrayal do Tejuco e Cazas da mo- | rada do Reverendo Padre Joze Guedes | da Silva onde eu Escrivao' ao deante no | meado fui vindo esendo ahy lhe aprezen | tei hum mandadode CommiSsao' aSigna | dopelo Ilustrissimo e ReverendiSimo | senhor Governador deste Bispado | emque o nomeia Juiz CommiSsario da | presente inquiriSsao' de vitaetmoribus | do habilitando Francisco dePaula | Meyrelles o [corroído] sendo por ele visto o | aceitou com adevida venia e prometeo | darlhe inteiro cumprimento deque | aSignou este termo digo cumprimento | para o que Lhedefere ojuramento dos | Santos Evangelhos deque aSignou es | te termo EeuMauricio Joze de | Castro Escrivao' Ajudante daCamara | Ecleziastica o escrevi |

oP.º Joze Guedes da Sa [sinal público] |

ASentada|

Aos dezoito dias do mez de Julho | de mil Setecentos Setenta e nove annos | neste Arrayal do Tejuco e Cazas da Rezi | dencia do Reverendo Padre Joze Guedes | da Silva Juiz CommiSario da inquiriSao' | de vitaetmoribus do Habilitando | Francisco dePaula Meyreles onde eu | Escrivao' adeante nomeado ofiz vindo | eSendo ahy apareceramprezenes | as testemunhas ao deante nomeadas ||

[fl 26r]

Nomeadas paraefeito deda | remSeus depoimentos cujos nomes cogno | mes são' patrias moradas idades ditos e costumes os que | adiante se seguem | deque para constar fiz este termo | de aSentada euMauricio Joze deCastro | Escrivao' Ajudante da Camara Eclezi | astica o escrevi | Antonio Joao' da Rocha homem | branco natural da Vila de Pontede | Lima Arcebisgado de Braga emo | rador neste Arrayal do Tejuco de | idade de cencuenta e cinco annos | pouco mais ou menos que vive de | Sua Chacara Testemunho aquém | o Reverendo Juiz CommiSsario de | ferio ojuramento dos Santos E | vangelhos em hum livro deles em | que poz sua mam direita e pro | meteo dizer a verdade do que sou | beSe e perguntado lhe foSe Eao | Costume dice nada | Esendo perguntado ele testemu | nha pelo Conteudo no Edital [+] | Licandiz paSado a favor do Habili | tando Francisco dePaula Meyre | les dice que piamente cre que he | batizado e que nao' he nem foi hereje | nem afastado da nossa Santa Fe | Catolica que nao' tem parte algu | ma de naSam infecta e que nao' | he descendente de pessoas herejes ou | novamente conver tidos e mais nao' | dice /Ao sexto dice que pelo ver eCo ||

[fl 26v]

Pelo ver e conhecer Sabe que oHabi | litando nam he aleijado nem Corco | vado e qu(e) nam tem defeito nemde | formidade alguma emSeu corpo | que cauze escandalo ou provoque | a irrizao' que nao' he abstenio de ma | neira que ovinho oprovoque avomi | to e que nao' he vixado nem aSombra | do do Demonio Emais nom dice | ate odecimo |

Do um decimo que oHabilitando nao' | Cometeo homicidio algum nem para | ele concorreo [borrão] que nao' concorreo para | algum aborto que nam he bigamo | arrenegador Revoltozo concubina | rio ou incontinente Emais nam | dice ate odecimoquinto | Ao decimo sexto dice que tambem | namSabe nem lheconsta que oHa | bilitando esteja querelado oude | nunciado as justias que nao' incor | reo em pena vil nem infamia(pub) | (lica) cenSura nem excomunhao'e | que por defeito nenhum foi peni | tencia publica que digo peneten | cia publica por defeito algum | emque incorreSe que nao' he Rebel | de em Receber os sacramentos que | nao' teve officio nem tutoriaque | oobrigueadar Contas que seper | tende ordenarpor sua vontade | e que he natural desteBispado | Emais nam dice eaSignou Eu||

[fl 27r]

EaSignou com o Rev(e)rendo Juiz com | miSario EeuMauricio Joze decas | tro Escrivao´Ajudante daCama | ra Ecleziastica oescrevi |

Guedes[sinal público]

Anttonio Joao´daRocha [sinal público]

Bento Ferreira daSilvahomem | branco natural da Freguezia deSam | Fins daVila daFeira Bispado doPor | to e morador (d)este mesmo Arrayal | doTejuco de [corroído] deCincoentaequa | tro annos pouco mais ou menos | que vive dojornal deSeos escravos | Testemunhas aquem oReverendo | Juiz CommiSsario deferio ojura | mento dos Santos Evangelhos em | hum Livro deles emquepoz suamao´ | dereita eprometeo dizer averdade | doque soubeSe eperguntad olhefoSe | aoCostume dice nada | [espaço de duas linhas]Esendo perguntadopelos interro | gatorios domandado deComiSsao´ | de vita et moribus paSadoafavor do | Habilitando Francisco de Paula | Meyreles dice que piamentecre | que he batizado eCri[s]mado eque nun | cafoi hereje nem afastado dano | saSantaFecatolica nem tem | parte alguma de mouroMou | risco mulato nem de outra na | Sam inFecto que nao´he descen | dente de pessoas herejis ou suspei | tas na Fe emais nam dice ate o | quinto | Aosexto dice que pelo ver e conhe ||

[fl27v]

Econhecer Sabeque oHabeletando | Nom he[corroído] e que namtemem | Seu Corpo d[e]formidade alguma que | cauze escandalo ou enojo a quem ove | que nao´he falto de vista nem he abs | (te)nio de maneira que ovinho opro | voq(u)e avomito eque nam he ve | xado e n(em) aSombrado doDemonio | Emais namdice ateodecimo. | [espaço]

Aoumdecimod(ice) que nunca ouvio | dizer nem lhe Consta que oHabilitan | do CometeSe alguma morte nempa | ra ela concorreSe emenos para algum | aborto que nao´he bigamo por especie | alguma de bigamia eque nao´he ar- | renegador (total) revoltoso concubi | nario ou incontente Emais | nam dice ate odecimo quinto | [espaço de duas linhas] Ao decimo Sext(o) dice que tambem | lhe n(a)m Consta que oHabilitando | esteja querelado ou denunciado as justi | Sas por algum Crime que commete | se que nunca fez penitenciapubli | ca por ter incorrido em defeito al- | gum que nao´teve officio adminis | traSao´ nem tutoria que oobrigue | adar Contas que he frequente em | seconFeSar e comungar Emais nam | dice eaSignou [corroído] oReverendo Juiz | CommiSsario EeuMauricio Joze | deCastro Escrivao´Ajudante da | Camara Ecleziastica oescrevi |

Guedes (sinal público)

Bento Frc^a. daSilva

ASentada

Aos dezoito dias dom(e)zdeJulho ||

[fl 28r]

Demil Sete centos Setenta nove | annos neste Arrayal do Tej(u)co e Ca | zas da morada
do Reve(r)e(n)do Padre Joze | Guedes da Silva Juiz Commisario da | justifica Sao' de vita et
mo(ri)bus do justificante Francisco de Paula | Meyreles onde eu Escr(i)vo' a o dian | te | nomeado fui
vindo Esendo ah(y) | aparecero' presentes as tes tesmunhas | a o diante nomeadas para efeito de |
darem Seos depoimentos cujos nomes | cognomes patrias moradas idades | ditos e Costumes
[ilegível] os que a o di | ante Se Seguem de que para cons | tar fiz este termo de a Sentada | E eu Mauricio
Jozede Castro Escri | vo' Ajudante da Camara Ecclési | astica o escrivi | [espaço]

Joze Antonio Machado homem | branco natural da Freguezia de Santa | Eulalia de Cresp[ilegível]s
Arcebispo de Bra | ga emorador neste Arrayal de Teju | co de idade que dice ser de cento e nta |
Etrez annos que vive de Seu Of(ic)io de | Pedreiro Teste munha aquemo Reve | rendo Juiz
Commisario de ferio oju | ramento dos santos Evangelhos em | hum Livro deles em que poz sua |
mam direita e prometeo de zera | verdade do que soube Se e pergun | tado l he fo Se e ao Costume
dica na da | [espaço]

Esendo inquirido pelo conteudo nos | interrogatorios do mandado de Commis | sao' pa Sado a favor
do Habilitando | Francisco de Paula Meyreles dice | que pia mente cre que he batizado | e crismado
que nam he nem he hereje | nem apos tato da nossa santa Fe | Catolica e que nao' tem parte algu | ma
de negro mulato hereje nem | de outr(a) na Sam infecta E mais | nam di(S)e ate o Quinto artigo |
Ao Sexto ||

[fl 28v]

Aose(x)⁵to dice que pelo ver e Conhecer | sabe que o Habilitando nam tem alei | jao' corcova nem
outra alguma de for | midade em seu corpo que cauze es | candalo ou provoque a irrizao' que | nao' he
abstenio nem demasiado em | beber vinho e que nao' he vexado nem | a Sombrado do Demonio E mais |
nam dice ate o decimo | [espaço]

Ao undecimo dice que nao' lhe cons | ta que o Habilitando tenha Commet | tido algum homicidio nem
que pa | ra ele concorre Se e menos para algum | aborto que nam he bigamo nem he | arrenegador t aful
revoltoso concu | binario ou tido por incontinente | de ma vida ou maos costumes | E mais nam dice
ate o decimoquin | to | [espaço]

Ao decimo sexto dice que menos | lhe consta que o Habilitando tenha | incorrido em algum crime pelo
qu | al esteja querelado nem denuncia | do as justicias que nao' fez peniten | cia publica por defeito
algum e | que nunca teve officio outoria | que o obrigue adar Contas que he | frequente em receber
os sacramen | tos e que he natural deste Bispo | E mais nam dice do que dito tem e | a Signou com
o Reverendo Juiz com | mi Sario E eu Mauricio Jozede Castro | Escrivam Ajudante da Camara Ec- |
clesiastica o escrivi |

Guedes [sinal público]

Joze Antonio Machado

Antonio Joze Monteiro homem branco ||

⁵ Este grafema está corroido no original, mas isso não impede a leitura da palavra.

[fl 29r]

Homem branco natural da Freguezia | daGraSa Coito de [+] Arcebispa | dode Braga e morador neste Array | al doTejuco de idade de Cincoenta anos | pouco mais ou menos que vive | sua agencia Testemunha aquem o | Reverendo Juiz CommiSsario defereo o | juramento dos santos Evangelhos | em hum Livro deles emque pos sua | mam direita eprometeo dizer averda | de doque soubeSe elhefoSe pergun| tado eao Costume dice nada | [espaço]

E sendo perguntado pelo [ilegível] | mandado de CommisSsao' de vita et | moribus paSado a favor doHabilitan | do Francisco d ePaula Meyreles | dice que sabe que he batizado ecris | mado eque nao' he hereje nem apostal | to da noSaSanta FeCatolica eque | nao' he descendente de PeSoas infieis nem | suspeitas naFe eMais nao' dice deste | [espaço]

AoSexto dice quepelover sabe que nao' | he aleijado nem corcovado nem faltode | vista que nao' he enfermo de moles tia | contagioza que nao' he abstenio nem | demasiado embeber vinho eque nao' | He ve xado nem aSombrado doDemonio | Emais nam dice ate odecimo | [espaço]

Ao undecimo dice que oHabili | tando nao' cometeo homicidio algum | nem para ele concorreu nem para | algum aborto que nao' he bigamo | arrenegador taFul concubinario e mais | namdice ate odecimo quinto | Ao decimo sexto dice que nunca ||

[fl 29v]

Que nunca Cometeo crime porque | Esteja obrigado as justisSas nem incor | reo em pena vil nem exco munhao' | nem fezpenitenciapublica nem | teveoficio nem tutoria que oobrigue | adar Contas que he frequente emse | confeSar ecomungar que he natu | ral deste Bispado Emais nam | dice e aSignou com oReverendo | Juiz CommiSsario Eeu Mauricio | Joze deCastro Escrivao' Ajudante | daCamara Ecleziasitica oescrevi | Guedes [sinal público]

Antonio Joze Monteiro [sinal público]

O Capitao' Manoel Joze deAraujo Pe | reira homem branco natural da vila no | va deCerveira Arcebisnado de Braga e | mo(r)ador neste Arrayal deTejuco de | idade de Cinco enta equatro annos que | vive desuas lavras testemunha a | quem oReverend oJuiz CommiSsa | rio deferio ojuramento dos santos | Evangelhos emhum Livro deles em | Que poz sua mam direita eprome | teo dizer averdade doque soubeSe e | perguntado lhefoSe eaocostume dice | nada | [espaço de duas linhas]Eperguntado ele testemunha pelo | Conteudo nos interrogatorios doman | dado de commiSsao' de vita et moribus | paSado a favor doHabilitando Fran | cisco dePaula Meyreles dice que pia | mente cre que he batizado que nao' he ||

[fl 30r]

Hereje nem afastada danoSo san | ta FeCatolica eque nao' [corroído] RaSa | ou (natto) de naSam infecta Emais | Nam dice ate oquinto | Aosexto dice que oHabilitando | nao' he ajeijado nem Corcovado que nao' | tem falta de vista nempadese enfermi | dade contagioza nem he abstenio nem | demaziado em beber vinho nem he | vexado nem aSombradodoDemonio e | mais nao' dice odecimo | Ao undecimo dice que pelo ver sabe | que oHabilitando nao' tem cometido | homicidio algum nem para ele concor | reo nem para algum aborto que nao' | he bigamo por especie alguma debi | e que nao' he arrenegador ta | ful revoltoso Emais nao' dice ate o | decimo quinto | Ao decimo Sexto dice que tambem | lhe nao' consta que oHabilitando come | teSe algum crime pelo qual esteja | querelado ou denunciado as justisSas | que nao' fez penitencia publica por | defeito algum que nao' teve oficio tu | toria nem administraSao' daReal fa | zenda que o obrigue adar Contas que | he fre quenteem se confeSar e com | ungar e que he natural deste Bis | pado Emais nao' dice do que dito tem | e aSignou seu juramento Eeu | Mauricio Joze deCastro digo seu | Juramento com oReverendo Juiz | CommiSsario Eeu Mauricio Joze ||

[fl 30v]

MauricioJozedeCastro Escrivao' A | judante daCamara Ecleeziastica oes | crevi |
Guedes[sinal público]

M. Joze deAraujo

As testemunhas q' jurarao' nesta inquiricao' | são'todas dignas deste credito e por tais | reco nhecidas
neste Arrayal eseos di | tos SeFazem acreditaveis pelo modo | Com q' depuzerao' oq' juro in verbo |
sacerdotis |

Pe. JozeGuedes daS^a

CLm|

Concluzus estes autos aoM^{to} | R^{do}. Min^h em 22 de Julhode 1779

CLS

(Iunte) md^o. depublicandis |

Correa[sinal público]

Public^{am}

Pelo M^{to} R^{do} Min^t me foram| dados estes autos com seu desp^{ch} supra aos | 22 de Julho de 1779||

2. Breve análise de fenômenos linguísticos

Pretendemos fazer, nesta seção, o levantamento de alguns fenômenos linguísticos manifestos no Ms. 25v-30v e apresentar uma breve análise de cada um deles, com base em estudos posteriores.

Morfologia e sintaxe

2.1 – Advérbio

No *corpus* de nosso trabalho, o advérbio 'adiante', manifesta-se sob formas variadas, vejamos:

- (1) "...onde eu Escrivao' **ao deante** no | meado fui vindo esendo ahy lhe aprezen| tei..." (localização: FL.25v)
- (2) "...eSendo ahy apareceramprezen| as testemunhas **ao deante** nomeadas||" (localização: FL.25v)
- (3) "...ondeeuEscr(i)vao' **aodian| te** nomeadofui vindo Esendo ah(y) |..." (localização: FL.28r)
- (4) "...aparecero' prezentes as tes tesmunhas / **aod eante** nomeadas [ilegível]..." (localização: FL.28r)
- (5) "...onde eu| Escrivao' **ao deante** nomeado ofiz vindo|..." (localização: FL.25v)
- (6) "...sao' patrias moradas idades ditos e costumes os que **adiante** se seguem|..." (localização: FL.26r)
- (7) "...ditos eCostumes (sao') os que **aodi | ante** SeSeguem..." (localização: FL.28r)
- (8) "...aparecero' prezentes as tes tesmunhas | **aod eante** nomeadas paraefeitode..." (localização: FL.28r)

O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antonio Geraldo da Cunha (2010), não registra o étimo de "adiante", apenas "diante" cujo étimo é, segundo esse autor, latino "de + inante" através das variações arcaicas *denante* (xi), *deante*. No português medieval há o registro de *Endeante* (do século XIV *hoje em diante*) e *endeantado* (do século XIII), os quais, segundo o autor, concorriam com *adiante* e *adiantado*. Já para Antenor Nascentes (1966), em seu *Dicionário Etimológico Resumido*, *adiante* é a junção de duas preposições "a + diantede". Rodrigo Fontinha

(1950), no *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, informa que esse advérbio possui em seu étimo a junção das preposições latinas “ad+de+in+ante”. Numa consulta ao site <http://sli.uvigo.gal/DDGM/ddd_pescuda.php?pescuda=adiante&tipo_busca=lema> , acessado em 30/07/2016, que contém o *Dicionário de dicionários do galego medieval*, localizamos o mesmo tipo de informação: derivado de *deante* (=AD+DE+IN+ANTE).

Como se vê, nenhum desses dicionários aponta para a origem da epêntese do artigo /o/ que aparece no manuscrito, conforme os exemplos (1-5) e (7-8) anteriores. Embora este manuscrito se refira ao punho de um único escrivão, as formas registradas com o /o/ epentético são bastante recorrentes em devassas civis mineiras setecentistas (cf. MENDES, 2008).

2.2 – Colocação pronominal

Conforme Câmara Júnior (1976, p. 254), “no português arcaico a partícula pronominal não formava necessariamente corpo com o verbo, mas também podia deslocar-se para antes do sujeito” e oferece como exemplo ‘Tanto que lh’eu este cantar oi’. Martins (1994), ao analisar documentos notariais portugueses do século XIII ao XVI, verificou uma maior ocorrência de próclise em sentenças que possuem um elemento de negação, marcados em negrito em: (a) e **ñõ lhy fazer** o Moesteiro pela carreira mais dano do que lhy ante f[azia] (ano 1308); (b) e **queredo** que na posa **ne lhes seja** a ello recebdo nehua auçõ (ano 1514).

No *corpus* pesquisado, não localizamos estruturas similares a esta de que trata Câmara Júnior e Martins (1994.). Todavia, chamou-nos a atenção a dupla ocorrência de estruturas de um “emprego radical da próclise”, conforme assim o denomina Tarallo (1990, p. 19). O autor, que analisou textos do século XIX e localizou estruturas desse tipo, a trata como “radical” porque o pronome aparece antes do verbo, bem como do próprio advérbio de negação, tal como as estruturas localizados em nosso *corpus*:

- (9) “Ao decimo Sexto dice que também|**lhe nao’consta** que oHabilitando come|teSe algum crime...” (Localização Fl. 29r)
- (10) “...decimo Sext(o) dice que tambem | **lhe n(a)m Consta** que oHabilitando | esteja querelado ou denunciado as justi | Sas...” (Localização: Fl.27v)

Ainda segundo Câmara Júnior (1976, p. 254), “no português moderno, para a incorporação ao verbo, Portugal favorece a ênclise e o Brasil a próclise.” No entanto, no *corpus* analisado, datado de 1779, pertencente, portanto, ao português moderno, conforme Mattos e Silva (1991), foram localizados vários casos de próclise e apenas um de ênclise:

- (11) “...fui vindo esendo ahy **lhe aprezem** | **tei** hum mandadode CommiSsao’...” (Localização: Fl.25v)
- (12) “...para o que **Lhedefere** ojuramento dos | Santos Evangelhos...” (Localização: Fl.25v)
- (13) “...dizer averdade doque sou| beSe e perguntado **lhe foSe**...” (Localização: Fl.26r)
- (14) “...eprometeo dizer averdade| doque soubeSe eperguntad **olhefoSe** (Localização: Fl.27r)
- (15) “...namSabe nem **lheconsta** que oHa| bilitando esteja querelado...” (Localização: Fl.26v)
- (16) “... nunca ouvio | dizer nem **lhe Consta** que oHabilitan| do...” (Localização: Fl.27v)
- (17) “...sendo por ele visto **o| aceitou** com adevida vênia...” (Localização: Fl.25v)
- (18) “...onde eu|Escrivao’ adeante nomeado **ofiz** vindo | eSendo ahy...” (Localização: Fl.25v)
- (19) “...sao’ patrias moradas idades ditos e costumes os que adiante **se seguem**...” (Localização: Fl.26r)
- (20) “...que nao’ he abstenio de ma|neira que ovinho **oprovoque** avomi|to (Localização: Fl. 26v)
- (21) “...e **prometeo| darlhe** inteiro cumprimento deque | aSignou este termo...” (Localização: Fl.25v)
- (22) “...| dizer nem **lhe Consta** que oHabilitan | do CometeSe alguma morte...” (Localização: Fl. 27v)

Embora, conforme já mencionado anteriormente, ainda não saibamos a nacionalidade do escrivão *Mauricio Joze de Castro*, se portuguesa ou brasileira, os dados aqui apresentados apontam para duas possibilidades de

análise: sendo ele um português, o uso da próclise em detrimento da ênclise, sendo esse último característico do português moderno europeu, de acordo com Câmara Júnior (1976), o aproxima do PB atual. Sendo o escrivão de nacionalidade brasileira, o pouco uso da ênclise pode nos indicar que, já no período analisado, havia uma preferência pela próclise, como há no português brasileiro contemporâneo.

2.3 – Regências: verbal e nominal

Conforme Câmara Júnior (1976), a regência nominal cabe exclusivamente à preposição *de*, que, conforme demonstram os estudos diacrônicos, substituiu a construção sintática com o caso genitivo. No documento analisado, verificou-se a ocorrência do SN [aSombradodoDemonio]:

- (23) “...nem he abstenio nem /demaziado em beber vinho nem he /vexado nem **aSombradodoDemonio...**” (Localização Fl.29r)

Numa consulta ao *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, de 1813/1922, encontramos a seguinte definição “Assombrado de visão, do demônio, duende: o que está maravilhado, ou pasmado da impressão, que lhe causão estes objectos, ou a impressão de os ter presentes.” (pág. 214). O que justifica, a nosso ver, a presença da preposição DE regendo o nome “assombrado”, numa espécie de relação genitiva.

Com relação à regência verbal, Câmara Júnior (1976, p. 245) faz uma crítica àqueles que afirmam que um dado verbo ‘exige’ uma dada preposição. Para o linguista, o que ocorre, “na realidade, é o aparecimento sistemático de dado tipo de complemento com dado verbo, e, por sua vez, o tipo de complemento condiciona a escolha da preposição.”

No manuscrito, encontramos o verbo “padecer” com acepção de “sofrimento”, como transitivo indireto:

- (24) “...que nao’ |tem falta de vista **nempadese enfermidade** contagioza nem he abstenio nem |demaziado em beber vinho...” (Localização Fl.29r)

Entretanto, no português atual, conforme Fernandes (2005), nesse mesmo contexto, a transitividade desse verbo é direta.

Considerações Finais

Procuramos, neste artigo, apresentar a edição diplomática do Ms. 26v-30v, constituído pelo *Trº de apresentaSao’e juram^{to}, Assentadas e Conclusão*, que faz parte de um processo eclesiástico *De Genere, Vitae Et Moribus*, escrito no século XVIII, em Minas Gerais, além de apresentar alguns aspectos codicológicos e paleográficos.

Posteriormente, elencamos alguns fenômenos linguísticos que se manifestaram nesse testemunho e, embora não fosse nosso objetivo fazer uma discussão aprofundada sobre todos eles, e, para além disso, mesmo que se trate de registros de um único punho, que é do escrivão *Mauricio Joze de Castro*, o que poderia caracterizar um idioleto ou uma idiosincrasia, achamos pertinente mostrar um uso linguístico que recupera, pelo menos em parte, a língua portuguesa manifestada no século XVIII.

Referências bibliográficas

- ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1994.
- ALMADA, Márcia. *Das artes da pena e do pincel: caligrafia em pintura em manuscritos no século XVIII*. BH: Fino traço, 2012.
- BLANCO, R. R. *Estudos paleográficos*. São Paulo: Laserprint, 1987.
- BYNON, T. *Historical linguistics*. London: Cambridge University Press, 1983.

- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. RJ: Padrão, 1976.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMBRAIA, C.N. et al. Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil. In: MATOS E SILVA, R.V. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. II: Primeiros Estudos. Tomo II. SP: Humanitas/FFLCH/FAPESP. 2001. p. 552-555.
- CHAVES, Elaine. *Implementação do pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Mestrado (Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- COHEN, Maria Antonieta de Amarante de Mendonça. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e a reanálise de mente. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letra; 2010. p. 57-74.
- CUNHA, Antônio Geraldo da Cunha. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*. RJ: Lexikon, 2010.
- DIAS, Madalena M.; BIVAR, Vanessa dos S. B. *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. Estudos CEDHAL-Nova Série, nº 11, São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2005.
- DUCHOWNY, Aléxia Teles; COELHO, Sueli Maria; COELHO, Guilherme Henrique. Sistema de abreviaturas de documentos adamantinos setecentistas. *Revista Letras*. Curitiba, n. 90, 2014. p. 233-252. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36430>>. Acessado em: 21 jan. 2017.
- DUCHOWNY, Aléxia Teles; RAMOS, Jania Martins; COELHO, Sueli Maria. Processos e mudanças em abreviaturas mineiras setecentistas: regularidade e ruptura. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 17, n. 2, 2015. p. 333-352. ISSN 2176-9419. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p333-352>>. Acessado em: 21 jan. 2017.
- FACHIN, Phablo Roberto Marchis. *Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.
- _____. Critérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 10/11, p. 237-262, 2009. ISSN 2176-9419. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP10-11/Fachin.pdf>>. Acessado em: 25 jun. 2016.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos regimes*. Porto Alegre: Globo, 2005.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3. ed. Rev. e aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
- FONTINHA, Rodrigo. *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, 1950.
- GALENDE DIAZ, Juan Carlos. Las bibliotecas de los humanistas y El Renacimiento. *Revista General de Información y Documentación*. Madri, v.6, no.2, p.91-124, 1996.
- HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.
- MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do Português*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. SP: Contexto, 1991.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. (Org.) *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- MORAES SILVA, A. de. *Diccionario de Lingua Portuguesa*. FREIRE, L. Fac símile da segunda edição de 1813. RJ: Officina da S.A. Litho-typographia Fluminense, 1922.
- MENDES, Soélys Teixeira do Prado. *Combinações lexicais restritas e manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva: escrita e oral*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. RJ: Instituto Nacional do Livro, 1966.
- NUNES, Eduardo Borges. *Álbum de paleografia portuguesa*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1969.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *O método filológico: comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários*. Lisboa: Signos, 1979.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1977.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. SP: Ática, 1990.

VILLALTA, Luiz Carlos. A Igreja, a sociedade e o clero. In: RESENDE, M. E. L. de & VILLALTA, L. C. (org.) *História de Minas: As Minas Setecentistas*. Vol. II. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, p. 25-57.

VALENTE, José Augusto Vaz. *Álbum de paleografia – documentos brasileiros*. 2ª. ed. SP: ECA/USP, 1983.

http://sli.uvigo.gal/DDGM/ddd_pescura.php?pescura=adiante&tipo_busca=lema, acessado em 30/07/2016.

Fontes Manuscritas

AEAM – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Minas Gerais.
Processo De Genere Vita et Moribus de Francisco de Paula Meireles. 1779.
Armário 04, pasta 604.